

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL: RELATOS DE LICENCIANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Camila Marques Agostinho.
Bárbara Neves Machado da Silva.
Louise Harumi Valentim Hocama.
Johnny Hideaki da Silva Marcelo.
Gustavo Menezes.
Guilherme Ferrari Pires.
Nilton Munhoz Gomes.
Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR -BR

Resumo

O processo de formação inicial deve ininterruptamente analisar suas práticas buscando identificar constantemente se tem desenvolvido de maneira satisfatória e competente suas atribuições. O estágio supervisionado integra uma dessas práticas, possibilitando aos estudantes um contato direto com a atividade profissional que exercerá. Pensando nessa avaliação constante, foi oferecida aos alunos de licenciatura de Educação Física da Universidade Estadual de Londrina uma proposta de estágio supervisionado diferenciada na área de Educação Especial, sendo este estudo fruto desta proposta. Com isso, o objetivo deste trabalho foi identificar a opinião dos estudantes participantes de um projeto de pesquisa sobre uma proposta diferenciada de Estágio Supervisionado na área da Educação Especial, tomando como referência questões como: estereótipos frente a população alvo da Educação Especial, concepção sobre inclusão escolar e, considerações sobre o campo do Estágio Supervisionado na área em questão. A pesquisa é do tipo descritiva e utilizou-se o método Survey como técnica de pesquisa. Participaram do estudo sete acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina de ambos os sexos que cursavam o terceiro ano no período matutino. O instrumento para coleta de dados constituiu-se de um questionário próprio com quatro questões abertas que versavam sobre o estágio curricular na área da Educação Especial. O instrumento foi entregue aos participantes e recolhido no dia posterior. Utilizou-se a Análise de Conteúdo (Bardin, 2004) com criação de categorias para discussão das respostas e, a frequência de respostas simples para verificar sua incidência. Os resultados mostram que quanto ao estereótipo: sete acadêmicos apontam os estereótipos de antes do estagio, quatro destacaram o desenvolvimento social e a deficiência intelectual, dois sobre o parâmetro comparativo, um sobre pessoas com necessidades especiais. Sobre a inclusão escolar manifestaram Sete favoráveis a experiência e a estrutura da proposta, seis apontaram as relações positivas com os alunos com necessidades especiais, cinco mostram que houve uma desconstrução sobre a área, quatro falaram sobre a motivação que tiveram para o estagio. Com relação ao campo de estágio sete apontam a Recepção, Permanência e Estrutura física e materiais da escola, dois sinalizaram a Intervenção docente. Com isso, conclui-se que na opinião dos

participantes sobre a proposta diferenciada de estágio supervisionado no campo da educação especial esta trouxe uma percepção positiva para intervir de forma mais segura junto aos alunos da educação especial, tornando-os mais confiantes para atuar tanto em escolas especializadas como em escolas regulares com alunos incluídos.

Palavras-chave: Educação Especial, Educação Física, Inclusão, Estágio Supervisionado.

Introdução

O estágio supervisionado das licenciaturas representa talvez a mais radical experiência vivida pelo acadêmico, em sua formação profissional, no rumo de tornar-se professor (TARDIF, 2002). Nesta imersão profunda no cotidiano escolar, torna-se viável uma reflexão mais sistematizada sobre as experiências docentes que o acadêmico vivencia no decorrer do estágio, tendo assim a possibilidade de sentir-se responsável por sua própria formação profissional, na perspectiva da ação reflexiva (ZEICHNER, 2003).

Francisco e Pereira (2004) destacam que o estágio surge como um processo fundamental na formação do aluno estagiário, pois é a forma de fazer a transição de aluno para professor. Este é um momento da formação em que o graduando pode vivenciar experiências, conhecendo melhor sua área de atuação. O estágio supervisionado possibilita utilizar a teoria e prática tendo em vista uma busca constante da realidade para uma elaboração conjunta do programa de trabalho na formação de educador. (SOUSA, 2007; BONELA, 2007; PAULA, 2007).

Além de sua importância no processo de formação inicial dos professores e da construção do conhecimento, o estágio se oferece como oportunidade bastante rica para outras demandas da educação, por exemplo, na avaliação curricular dos cursos de formação, evidenciando pontos fortes, lacunas ou desarticulações desistentes na organização e no desenvolvimento do currículo, a partir da observação das competências conceituais e didáticas evidenciadas pelos alunos-estagiários (SILVA, 2008). Contudo, dentro das modalidades de estágio exigidas durante o curso, o foco deste trabalho está no Estágio Supervisionado na área da Educação Especial.

A Lei nº 9394/96 no Art. 58º, Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) § 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do caput deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018) (BRASIL, 1996).

No Brasil existe um plano de Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva desde 2008, onde busca a integração das pessoas com necessidades especiais no ensino regular.

A Educação Física é uma das áreas que busca formas de integração para alunos com necessidades especiais nas escolas. Na sala de aula o aluno com necessidades especiais realiza todas as atividades e trabalhos propostos em sala, participa das aulas e debates. Muitas vezes, nas aulas de Educação Física, os alunos são dispensados da prática, ficando assim excluídos das aulas. Com a Educação Física Adaptada o aluno com necessidade especial pode ser incluso e sua condição não será um empecilho. Através das aulas surgirá uma nova concepção do seu corpo e de suas capacidades, pois o espaço estará aberto para ele participar e se descobrir. (CARDOSO; BASTILHA, 2010).

O professor de Educação Física deve em suas aulas proporcionar aos alunos atividades motoras, cognitivas e sócio afetivas. Deve também estimular a construção de atitudes positivas desenvolvendo o respeito, aceitação e solidariedade. Para Oliveira (2002), o professor deve oportunizar os seus alunos para o desenvolvimento de suas potencialidades,

especialmente os alunos com necessidades educacionais especiais, para que desse modo consigam interagir com si próprio e com os demais alunos.

Para que essa prática se concretize de maneira sólida e eficiente, é preciso que em sua formação inicial o acadêmico tenha conhecimentos sobre as peculiaridades de todos os alunos, principalmente sobre as principais características dos alunos com necessidades especiais.(PEDRINELLI E VERENGUER, 2005)

Levando em consideração que só a parte teórica, recebida durante a formação inicial não é capaz de qualificar o estudante para uma intervenção eficiente, o estágio supervisionado vem, como destacado acima, como uma poderosa ferramenta na contribuição da aquisição dos saberes necessários para essa intervenção adequada.

Pensando em favorecer o conhecimento dessas especificidades dos alunos com necessidades especiais, o curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina incluiu nas etapas dos estágios supervisionados o estágio na área da Educação Especial.

Estudos têm mostrado que a forma como o estágio vem sendo desenvolvido nesta instituição não tem gerado nos acadêmicos estagiários uma autopercepção de competência mínima necessária para aturar com alunos com necessidades especiais, requerendo do colegiado de curso uma análise sobre novas propostas na tentativa de solucionar tais problemas. (GOMES; COSMOS e ARAÚJO, 2014; GOMES; MONDEK, 2009; SCHIAROLLI; GOMES;BOTI, 2018)

Ciente desta necessidade, uma proposta diferenciada de Estágio Supervisionado na área de Educação Especial foi apresentada aos alunos do terceiro ano do curso, série em que ocorre o estágio nesta área, na tentativa que melhorar esta prática extremamente importante para a formação.

Este estudo é fruto desta experiência que tem como objetivo identificar a opinião dos estudantes participantes de um projeto de pesquisa sobre uma proposta diferenciada de Estágio Supervisionado na área da Educação Especial, tomando como referência questões como: estereótipos frente a população alvo da Educação Especial, concepção sobre inclusão escolar e, considerações sobre o campo do Estágio Supervisionado na área em questão.

Metodologia

Tipo de Estudo:

A pesquisa é do tipo descritiva e utilizou-se o método Survey como técnica de pesquisa que procura determinar práticas ou opiniões presentes de uma população específica podendo ser utilizado na forma de entrevista e questionário (THOMAS; NELSON, 2002).

Participantes:

Participaram deste estudo 07 acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina, matriculados na atividade acadêmica de Estágio Supervisionado sob o código 6EST905 ofertada na 3ª (terceira) série do curso. A participação destes alunos ocorreu de forma voluntária

Procedimentos:

A dinâmica do Estágio Supervisionado diferenciado na área da Educação Especial seguiu a seguinte proposta:

- a. Os alunos foram divididos em 03 (três) grupos e realizaram a atividade de estágio conforme cronograma estabelecido;
- b. Cada grupo passou pelas quatro escolas selecionadas (duas de educação especial e duas regulares), realizando um rodízio entre os eles. As atividades foram realizadas duas vezes por semana pelo período de três semanas em cada escola;
- c. A cada quinze dias, os subgrupos se reuniam com o responsável pela proposta do estágio por um período médio de duas horas para debate sobre todas as questões que envolviam o projeto (características dos alunos, dúvidas sobre elaboração de atividades, formas de intervenção, abordagem, entre outras e partilhavam suas experiências);

O instrumento utilizado para Coleta de Dados constituiu-se de um questionário próprio com quatro questões abertas que versavam sobre o estágio curricular na área da Educação Especial. O instrumento foi entregue aos participantes pessoalmente e recolhido no dia posterior.

Análise dos Dados:

Para análise das questões foi utilizado como estratégia metodológica, a Análise de Conteúdo, metodologia proposta por Bardin (2004) a qual a define como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p.33).

Para a criação das categorias foi utilizado o critério de categorização semântico (categorias temáticas). Após criação das categorias temáticas será registrado o número de vezes que cada categoria foi apontada pelos participantes, utilizando a frequência de respostas simples para verificar sua incidência.

Discussão/Resultados

Os resultados serão discutidos em quatro áreas temáticas conforme estabelecido no questionário entregue aos participantes. Em cada área temática será apresentado às categorias de respostas elaboradas a partir dos critérios estabelecidos na metodologia proposta por Bardin (2004) e à frente de cada categoria terá a incidência com que foi apontada pelos participantes.

Área Temática I - Opinião sobre a proposta vivenciada no Estágio Curricular Supervisionado na área da Educação Especial.

Quadro 1: Proposta de Estágio Supervisionado na área da Educação Especial

| CATEGORIAS | NÚMERO DE RESPOSTAS |
|----------------------------|----------------------------|
| IMPORTANTE PARA A FORMAÇÃO | 7 |
| TEMPORALIDADE DO ESTAGIO | 7 |
| CONHECIMENTO APRIMORADO | 6 |

| | |
|-----------------------------|---|
| ÁREA DE ATUAÇÃO | 6 |
| ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL | 5 |
| EXPERIÊNCIA FAVORAVEL | 5 |

Fonte: o próprio autor

Quando questionados a Opinião sobre a proposta vivenciada no Estágio Curricular Supervisionado na área da Educação Especial, foi apresentada uma abrangência de considerações para as respostas, incluindo: (A) experiências pelas diferentes necessidades especiais dos alunos; (B) sobre a proposta do estágio comparada com o estágio convencional (realizado por ele em outras áreas); (C) experiência com as escolas especiais e as inclusivas; (D) período em cada escola, destacando pontos positivos e negativos.

As categorias apontadas foram: 07 estudantes consideraram em suas respostas que o projeto foi importante para sua formação; 6 consideraram que seu conhecimento sobre a área foi aprimorado. Esta importância é destacada por SANTOS e ARAUJO (2000) quando afirmam que o estágio curricular é a atividade básica na relação teoria e prática, no qual possibilita ao futuro professor refletir e produzir novos conhecimentos a partir da compreensão da implicação de sua ação docente na realidade em que atua. Todos acadêmicos (sete) destacaram que o tempo do estágio na proposta é quase três vezes maior do que o convencional, e que isso é muito bom como um todo, porém o tempo em cada escola foi considerado um tempo curto. NEUENFELDT (1996) salienta que ao aumentar a carga horária do estágio curricular, esse fator pode proporcionar mais vivências aos acadêmicos em todas as modalidades e níveis de ensino, preparando e qualificando-os de forma significativa para exercerem o seu papel de formadores. Cinco acadêmicos citaram que a experiência foi favorável em sentidos como: maior desempenho ao planejar aulas, compreensão da teoria e prática das disciplinas de Educação Especial, discussões sobre as dificuldades encontradas, uma variação de escolas e alunos, etc; 6 consideraram uma surpresa positiva a área da Educação Especial, e 5 asseguraram estar mais seguro após o estágio para dar aulas em escolas de Educação Especial. Neste sentido RIANI (2004) afirma que a aprendizagem construída a partir da troca de experiências e reflexões pode

ampliar os horizontes do saber, contribuindo para a construção de fato de um processo educativo.

Área Temática II: Considerações sobre o campo de estágio

Quadro 2: Considerações sobre o campo de estágio

| CATEGORIAS | NÚMERO DE RESPOSTAS |
|------------------------------|---------------------|
| RECEPÇÃO | 7 |
| PERMANENCIA | 7 |
| ESTRUTURA FISICA E MATERIAIS | 7 |
| INTERVENÇÃO DOCENTE | 2 |

Fonte: o próprio autor

Dentro da seguinte área temática foi determinada uma abrangência de considerações para as respostas, incluindo: (A) escolas do campo de estágio; (B) Opinião sobre a permanência das escolas para próximos estágios.

Dentre as respostas apresentadas, surgiu quatro categorias: os 7 acadêmicos consideraram em suas respostas que de modo geral a recepção da escola, funcionários e professores foi agradável, e que devem ser mantidas para a realização do estágio. Segundo eles, as escolas atendem as expectativas dos acadêmicos quanto a estrutura física e materiais. Apenas 2 estudantes destacaram que a intervenção docente feita por um dos professores colaboradores não era adequada suficiente para que fizesse com que todos os seus alunos participassem da aula. Este destaque dos acadêmicos evidencia uma preocupação apontada nos encontros para discussão do estágio quanto a proposta de inclusão na aula de Educação Física, a participação de todos alunos deve ser uma meta a ser atingida pelo professor independente da condição do aluno. (NOZI; VITAIANO, 2017)

Área Temática III – Relação entre o estereótipo e a população atendida

Quadro 3: Estereótipo e a população da educação especial

| CATEGORIAS | NÚMERO DE |
|------------|-----------|
|------------|-----------|

| | RESPOSTAS |
|--|------------------|
| ESTEROTIPOS | 7 |
| DEFICIÊNCIA INTELECTUAL | 4 |
| DESENVOLVIMENTO SOCIAL | 4 |
| PARÂMETRO COMPARATIVO | 2 |
| PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS ANTES DO ESTÁGIO | 1 |

Fonte: o próprio autor

Questionados sobre os estereótipos que detinham sobre a população atendida pela Educação Especial antes da realização do estágio, considerando as seguintes abrangências para as respostas: (A) qual era sua concepção sobre a população atendida antes da realização do estágio; (B) concepção após o estágio; (C) qual concepção mudou mais.

A partir das respostas dos acadêmicos surgiram cinco categorias: um dos estudantes considerou não ter uma opinião formada sobre o estereótipo, pois já tinha convivência com pessoas com necessidades especiais antes do estágio; dois consideraram um parâmetro comparativo entre o estágio diferenciado e o convencional, dando a entender que o estágio diferenciado por ter diversidades de necessidades especiais fez com que a concepção que possuíam anteriormente fosse totalmente desconstruída; quatro expuseram o quanto essa experiência foi importante para apoiar o desenvolvimento social da população atendida por eles, pois no decorrer das aulas percebeu-se que os alunos com necessidades especiais que se mantinham mais afastados dos colegas passaram a interagir mais com todos, desde os colegas até os professores e estagiários; outras quatro destacaram sobre a deficiência intelectual ser a que mais se destacou em relação às mudanças positivas durante as aulas; Todos acadêmicos (sete) afirmaram que obtiveram olhares diferentes após o estágio, ocorrendo uma quebra de estereótipos que foram empregados aos alunos pelos professores colaboradores. Levando em consideração as respostas dos participantes GOTTI diz que,

“ A integração é princípio fundamental que rege a educação inclusiva. De acordo com esse princípio, as escolas devem acolher a todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sensoriais,

emocionais, lingüísticas e outras. Esse princípio nos remete a necessidade de que as escolas devem adequar-se a todos os alunos, adaptar-se aos diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurar um ensino de qualidade”. (GOTTI, 1998:89 e 90).

Assim como FIGUEREDO afirma que a escola inclusiva não pode ser exclusiva,

”A educação inclusiva requer uma escola aberta para todos os alunos, visto que ela propõe inserir na escola todos os excluídos, garantir qualidade na educação, considerar as diferenças e valorizar a diversidade. Ela vai além da posição política, por que resgata uma proposta de recriação da própria vida na escola”. (FIGUEREDO : 2002).

Área Temática IV – Concepção sobre a inclusão na escola

Quadro 4: Inclusão escolar

| CATEGORIAS | NÚMERO DE RESPOSTAS |
|-----------------------------------|----------------------------|
| FAVORAVEL | 7 |
| ESTRUTURA | 7 |
| RELAÇÕES POSITIVAS | 6 |
| ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS | 6 |
| DESCONSTRUÇÃO SOBRE A AREA | 5 |
| MOTIVAÇÃO PARA O ESTAGIO | 4 |

Fonte: o próprio autor

Quando questionados sobre sua opinião referente a inclusão escolar, foi determinada as seguintes abrangências: (A) mudança sobre concepção de escola inclusiva, após o estagio; (B) concepção dos alunos incluídos; (C) Relação social dos alunos; (D) o aluno incluído. (expectativa)

Seis categorias apareceram nas respostas dos acadêmicos, todos destacaram concordar com a inclusão escolar desde que aquele aluno esteja apto para a convivência com os demais colegas; cinco destacaram o olhar dos professores colaboradores quanto aos alunos incluídos, observaram que muitos alunos são considerados como empecilho nas aulas. Isso pôde ser desconstruído pelos estagiários quando realizaram atividades adequadas, tendo a participação de todos alunos e com entusiasmo. PEDRINELLI; VERENGUER (2005);

RODRIGUES (2006) destacam que o aluno com necessidades especiais não pode ser considerado mais na turma, mas sim como parte do todo. Destacam que a rotulação enfatiza o que o aluno pode ou não fazer, e que muitas vezes o problema está associado ao método de intervenção ou ao ambiente, ou ainda, a subestimação das capacidades dos alunos. Sete estudantes consideraram que nas duas escolas inclusivas escolhidas para o projeto a estrutura era adequada para receber alunos inclusos; seis destacaram que os estudantes com necessidades especiais incluídos estavam dentro das expectativas e que todos os surpreenderam positivamente. FREITAS; SOUTO; SIMAS E IGLESIAS (2015) destacam que quando ações adequadas são realizadas no processo de inclusão, com adaptações dos espaços sociais e físicos, possibilita uma participação plena dos alunos, superando expectativas construídas de forma negativa. Quatro acadêmicos explicaram que por ter aluno incluído se sentiam motivados em preparar e adaptar as atividades relacionadas ao conteúdo, o que gerava uma expectativa alta para as aulas. Seis acadêmicos destacaram as relações com os alunos como positivas durante as aulas e que não tiveram problemas com o conteúdo em relação às adaptações necessárias para os alunos incluídos. O ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos, independente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas”. (STAINBACK, 1999:21).

Conclusão

A partir da análise dos resultados obtidos da pesquisa, conclui-se que a opinião dos participantes sobre a proposta diferenciada de estágio curricular supervisionado no campo da educação especial mostra que os mesmos se sentem mais confiantes em atuar com a educação especial após a vivência da proposta diferenciada, ressaltam as diferenças entre a proposta e o estágio convencional e colocam em evidência que com o estágio convencional não teriam tanta diversidade de alunos e motivações para elaboração de atividades adaptadas diferentes umas das outras.

Os estagiários apontam que a proposta diferenciada seria mais adequada para todos os acadêmicos do curso de licenciatura em educação física por proporcionar maiores experiências no campo de atuação e pelo supervisor de estágio ser um professor especializado nessa área, o que faria um diferencial muito grande pra quem tem dificuldades ou receios com planos de aulas adaptados.

Referências

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. 3ed. Lisboa: Edições 70, 2004.ASIL. Conselho Federal de Educação. Parecer nº. 215, 11 de março de 1987. Reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física, sua nova caracterização, mínimos de duração e conteúdo. Brasília, 1987.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

CARDOSO, V. D.; BASTILHA, R. R. Inclusão de alunos com necessidades especiais na escola: reflexões acerca da Educação Física Adaptada. Revista EFdesportes, Buenos Aires - Ano 15 - Nº 146 - Julio de 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd146/inclusao-dealunos-com-necessidades-especiais.htm>

CESÁRIO, Marilene; PALMA, A. P. T. V.; PALMA, J. A. V. O currículo de formação de professores em educação física da uel: os ingressantes na primeira turma. Universidade Estadual de Londrina - Centro de Educação Física – LaPEF. Londrina. PR, p. 01-08, 2007.

CONTRERAS, J. A autonomia de professores. São Paulo: Cortez, 2002.

FIGUEREDO, Rita Vieira de. **Políticas de Inclusão:** Escola - Gestão da Aprendizagem na Diversidade. In Políticas Organizativas e Curriculares, Educação Inclusiva e Formação de Professores. [Org. Dalva E. Gonçalves Rosa, Vanilton Camilo de Souza]; Alfredo Veiga - Neto... [Et AL]. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar:** Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Editora Record, 8º Ed. Rio de Janeiro, 2004.

GOTTI, Marlene. **Integração e Inclusão:** Nova Perspectiva sobre a Prática da Educação Especial. Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial. Londrina: VEL, 1998.

GOMES, N. M.; SANTOS, J. P. R.; COSMOS, A. C. C. V. P.; Estágio Supervisionado em Educação Especial no curso de licenciatura em Educação Física . In: ANAIS DO 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO

ESPECIAL , 2016, São Carlos. Anais eletrônicos... Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee7/papers/estagio-supervisionado-em-educacao-especial-no-curso-de-licenciatura-em-educacao-fisica->>. Acesso em: 14 abr. 2019.

NEUENFELDT, D. J. Educação Física escolar: expectativas e formação dos acadêmicos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria. 1996. In: KRUG, H. N. et al. Formação de professores em Educação Física: um estudo de caso sobre o conceito e prática pedagógica do planejamento das aulas no estágio curricular supervisionado. Revista Digital n.124. Set, 2008.

OLIVEIRA, F. F. Dialogando sobre educação, Educação Física e inclusão escolar. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 8 - Nº 51, 2002.

PIMENTA, S.G; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência. Coleção docência em formação. São Paulo: Cortez, 2004.

PRODOCÊNCIA/UEL: ensino e pesquisa na formação de professores/Angela Maria de Sousa Lima [et al.]...(organizadores). – Londrina : UEL, 2013. 262 p. : il.

SILVA FILHO, J. A., MOURA, M. L. **EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NA ESCOLA DE ENSINO REGULAR.** Disponível em:

<<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/8c8a58fa97c205ff222de3685497742c.pdf>>

SILVA, E. P. Q. Estagio supervisionado: espaço de ter-lugar do olhar e de dar a voz. In: SILVA, L. C.; MIRANDA, M. I. (Orgs.) **Estagio supervisionado e pratica de ensino: desafios e possibilidades.** Araraquara: Junqueira & Marin; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2008. p. 115-140.

SOUSA, J. C. A; BONELA; L. A PAULA, A. H. A importância do estagio supervisionado na formação do profissional de educação física: uma visão docente e discente, MOVIMENTUM – Revista digital de educação física – Ipatinga: Unileste-MG – V.2 – N.2 – Ago.dez.2007

STAINBACK, Susan e STAINBACK, William (org.). **Inclusão: uma Guia para Educadores.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

ZEICHNER, K. M. Formando professores reflexivos para a educação centrada no aluno: possibilidades e contradições. In: BARBOSA, R. L. L . (Org.) **Formação de educadores: desafios e perspectivas.** São Paulo: editora da UNESP, 2003. p. 35-54.

Universidade Estadual de Londrina - UEL; Camis10_marques@hotmail.com; barbara_babi98@hotmail.com; johnnyhmarcelo@gmail.com;

gmenezes29@gmail.com;
niltonmunhozgomes@gmail.com .

quilhermeferraripires@gmail.com;

Formação de professores em Educação Física.

O estágio curricular supervisionado ocupa um espaço muito importante dentro do processo de formação inicial. Este espaço permite ao acadêmico uma série de reflexões quanto à sua futura intervenção docente, o coloca diante de uma realidade concreta de sua formação, gerando com isso a produção de novos saberes (COSMOS, SANTOS, GOMES, 2018)